

# TRIBUNA Livre

11  
MARÇO  
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

## RACISMO

Com o seu sentido, desumano e anti-cristão, surgiu agora, na ordem dos tempos, como entrave e sistema sempre inadequada à manutenção da paz e tranquilidade dos povos.

Pode e deve considerar-se como princípio absolutamente condenável na escala ascendente da valorização humana.

É preciso ler e meditar desapassionadamente, com inteligência e desassombro, um livro de História, para concluir que os germens do Racismo extinguíram-se de muito longe contra estas muralhas ocidentais da antiquíssima Ibéria.

Na fusão dos povos peninsulares, longamente verificada pelo constante afluxo de raças de toda a espécie e origem, caldeou-se a força resultante de expansão e dinamismo capaz de assimilar novos mundos. Sempre foi esse o verdadeiro carácter dos Portugueses, educado na escola das duras experiências que o mundo moderno, bem intencionado, admira pelos seus efeitos.

Aquela fornalha de guerras e conflitos, sucessivamente ateadas pelo advento à Espanha de fenícios, grãos, cartagineses, romanos, bárbaros e mauritânios, foi o cadinho incomparável em que se temperou a divisa da fé e do império, que tão

mal procura às vezes interpretar-se.

— Onde, em qualquer outra região da Terra, se verificou e produziu uma semelhante alquimia de raças e de valores humanos, até certa idade contidos nessa escola de formação em que estagiou a vocação missionária e civilizadora da lusa gente?

Na massa do sangue dos Portugueses, assinados e criados quando há oito séculos surgiram para a vida da Nacionalidade, cresceram e consolidaram-se nesse espírito de solidariedade humana as verdadeiras forças da Grei, que nunca viu diante de si diferenciações de credo nem cor, simplesmente o propósito de converter tudo e a todos que careciam da luz da civilização às leis do bem-estar e do progresso. O Brasil é disto a prova mais insofismável e eloquente.

Empreendimento deveras sobrehumano, em relação às suas diminutas possibilidades, só a qualidade e a disciplina das instituições, em que assentou a sua natureza e essência, contaram para o êxito inesperado da epopeia de Quinhentos.

Já então, a cegueira e as ambições alheias começaram a comprometer e a anuvar os horizontes longínquos, que de presente se mostram carregados e

cheios de interrogações. Já aí uma boa parte do mundo que os Portugueses criaram foi desviada, contra sua vontade, do rumo a que por força tem de voltar, ainda que isto custe os sacrifícios que as nações, como os indivíduos, são obrigados a pagar pelos seus próprios erros.

Os problemas da África, como os do mundo oriental, entre si consentâneos nos princípios e nos fins, foram gravemente distraí-

Continua na 3.ª página

## «Breves Considerações sobre a Vida e a Obra de Guerra Junqueiro»

Conferência pelo

## Dr. Raul de Faria

O Sr. Dr. Raúl de Faria proferiu, no dia 9 de Fevereiro do corrente ano, no salão nobre do Clube Fenianos Portuense, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, uma notável conferência subordinada ao tema: «Breves Considerações sobre a vida e a Obra de Guerra Junqueiro».

Presidiu ao acto o Sr. Dr. Acácio Tavares, ladeado pela Sra. D. Maria Isabel Guerra Junqueiro; e pelos Srs. Dr. Júlio Formigal; Prof. Dr. Celestino Maia, da Faculdade de Medicina; Eng.º Mária Kol de Alvarenga; Dr. Francisco Moraes; Arq.º Marques de Abreu; João Silva, representante do Clube Fenianos Portuenses; e Dr. António Emílio de Magalhães, Director da Liga de Profilaxia.

Abriu a sessão o Sr. Dr. Acácio Tavares, que começou por afirmar: «Tive o gosto de ter sido convidado pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social para presidir a esta conferência. Não desconhecia os embaraços que me adviriam do facto, mas acedi com muita satisfação ao amável convite, por três razões fundamentais: a primeira, é que constitui um motivo de profundo prazer espiritual poder cooperar na medida das minhas possibilidades, com a benemérita Liga, cuja obra de admirável e de-

Pela Confederação Luso-Brasileira pronuncia-se o «Diário Popular»

## Nem um Portugal de costas viradas para o mar nem um Brasil de portas trancadas para o mundo

O «Diário Popular», anunciando ser necessário trazer a plena luz a chamada «Operação Dulcinea», expôs diversos aspectos da conjura contra Portugal e o Brasil. Agora, sob o título «Inimigos do Brasil», pronuncia-se pela Confederação Luso-Brasileira, mostrando a inviabilidade de

uma União Ibérica que a «Operação Dulcinea» mostrou como um dos pontos básicos dos assaltantes do «Santa Maria».

«Não hesitamos — refere o «Diário Popular», no artigo, subscrito pelo seu director, Prof. Martinho Nobre de Melo — em dizer que os iberistas são tão inimigos de Portugal quanto do Brasil. Porque ser pela união política dos povos peninsulares é eliminar de antemão as promessas e a viabilidade da Confederação Luso-Brasileira».

Aludindo à declaração de um deputado brasileiro, dr. Vieira de Melo, antigo «líder» da maioria da Câmara dos Deputados, segundo a qual o Tratado de Amizade e Consulta «prepara os alicerces de uma verdadeira Confederação, uma Commonwealth luso-brasileira», o editorialista recorda, no plano histórico:

«A Confederação Luso-Brasileira finca as suas raízes no sonho do grande José Benifácio de manter a união entre Portugal e o

Continua na 5.ª página

Continua na 4.ª página

## A PONTE SOBRE O TEJO

não é uma obra isolada do panorama da vida nacional, integrando-se no quadro das realizações do progresso do País — Acentuou o Ministro das Obras Públicas a uma Delegação das Populações do Sul

«A ponte sobre o Tejo ficará a assinalar uma era de paz e de regeneração da Pátria proporcionada por um grande estadista» disse o Governador Civil de Setúbal, dr. Miguel Bastos, ao proferir, em nome das populações de cinco distritos do Sul do país, um discurso de agradecimento ao Governo pelo próximo início das obras de construção da ponte.

Centenas de elementos representativos da vida pública, económica, social e política das regiões sulinas

deslocaram-se a Lisboa e foram recebidos pelo Ministro das Obras públicas, eng. Arantes e Oliveira, a quem foi exprimido o contentamento geral pelos efeitos que a grandiosa ponte vai proporcionar.

Um representante da lavoura alentejana declarou que «tem de agradecer-se, em primeiro lugar, ao sr. Presidente do Conselho a possibilidade de realização de tão grandioso empreendimento», tendo o Presiden-

Continua na 4.ª página

## Festas a Santo António

### Angariadores de Fundos no Estrangeiro e Ultramar

Continuou a chegar mais subsídios que os nossos queridos conterrâneos enviam, para auxílio dos festejos a Santo António

Esperamos que os restantes mandem os seus óbulos o mais breve possível, pois, a comissão necessita de ter em posse a quantia que irá fazer face à parte de despesas existente no orçamento.

Por intermédio do Sr. Armando Joaquim Dias foi-nos entregue a quantia de 50\$00 referente a oferta do Sr. Adelino Ferreira Rodrigues residente em França.

Damos a seguir as quantidades já enviadas e que vinham endereçadas à comissão de Festas:

### Transporte 555\$00

Carlos Fernandes Lima — L. Marques 120\$00.

Adelino Ferreira Rodrigues — França 50\$00.

José António Marques — Lobito 75\$00.

Albino Faria Lopes — Belo Horizonte 100\$00.

Manuel da Costa Gonçalves — Rio de Janeiro 120.\$00.

### A transportar

Que os amigos de Santo António compreendam a dificuldade das despesas a satisfazer, enviando as suas dádivas são os desejos da Comissão,

## Nem um Portugal de costas viradas para o mar

### Nem um Brasil de portas trancadas para o mundo

Continuação da 1.ª página)

Brasil, uma vez proclamada e efectivada a independência do Reino lusiada da América. A total separação dos dois países irmãos parecia-lhe, de facto, indesejável e, no futuro, prejudicial para ambos. Por isso a deputação paulista às Cortes de Lisboa levava em 1821 instrução suas para se esforçasse pela integridade e indivisibilidade dos dois Reinos — Portugal e Brasil».

E recordando, ainda, antevisiones de políticos portugueses e brasileiros acerca da liberdade de movimento de que o Brasil carecia para expansão do seu comércio no mercado mundial, acrescenta:

«Esta plena liberdade de movimentos só Portugal, só uma Confederação Luso-Brasileira poderá fornecer-lhe. Só essa Confederação poderá vir, efectivamente, a proporcionar ao Brasil, em todos os mares e continentes, desde a costa africana até ao Extremo-Oriente e desde o Atlântico ao Indico, os imprescindíveis elementos da sua expansão comercial e marítima, bases navais, pontos de apoio, portos de abastecimento e abrigo.

«Eis o que os liberistas eliminariam, desde a nascerença. O desmembramento

de Portugal, com a desintegração de Portugal europeu e do Portugal ultramarino, constituiu um processo visível de obstrução à grandeza do Brasil, à sua expansão comercial e ao seu poder marítimo. Por isso, o preço da colaboração dos chefes do Movimento Revolucionário Ibérico de Libertação na Operação Dulcinea foi a adesão de Galvão e Delgado à *independência* das provincias ultramarinas portuguesas. Um e outro, sucessivamente, e já confessaram a sua adesão».

A concluir, acentua o Prof. Nobre de Melo:

«Há, aliás, toda uma conjura internacional montada e orquestrada nesse sentido. Por que não é só aos iberistas que interessa circunscrever o Brasil ao seu âmbito exclusivamente americano, quer dizer regional.

«Houve tempo em que a União Ibérica atemorizou muitas grandes potências. Hoje, porém, a Espanha não é mais a Espanha filipina, a que possuía domínios, pontos de apoio e bases navais em todos os continentes. Mas um Brasil, em pleno surto industrial e febril aproveitamento de suas incomensuráveis riquezas e reservas económicas, junto com um Portugal intacto, em sua privilegiada situação geográfica europeia e em seus vastos e valiosos

domínios ultramarinos, é hoje, uma perspectiva que não deixa dormir tranquilos muitos dos grandes senhores do mundo...

«Tudo bem pesado, não terá chegado o momento de adoptarmos, em vista à futura Confederação, uma divisa comum: nem um Portugal de costas viradas para o mar, nem um Brasil de portas trancadas para o mundo?»

## L A G O

Continuação da 3.ª página)

hora exacta, para quê e porquê celebrar esse acontecimento à meia noite, se os inconvenientes são tantos?

Por estas e outras razões, bem fundamentadas, o Bispo de Hildesheim pediu à Sagrada Congregação dos Ritos, em 15 de Janeiro de 1959, fosse permitido à sua diocese celebrar a Vigília Pascal instaurada no Domingo da Ressurreição, de modo que a missa solene começasse «circa auroram» isto é: mais ou menos ao raiar da aurora. Isto mesmo lhe foi concedido em 28-2-1959. Graça igual foi concedida a várias outras dioceses como Osnabrück, Colónia, etc. ainda em 1959.

Parece-me que a Arquidiocese de Braga não perderia nada se obtivesse para as igrejas paroquiais a graça que as referidas dioceses alemãs obtiveram. Digo, «igrejas paroquiais» porque a Sé e os Religiosos poderiam continuar a celebrar a Ressurreição do Senhor, à meia noite, para os seminários e frades, ou freiras, respectivamente. Para as igrejas paroquiais é mais prático, mais moral, e também mais lógico, começar as cerimónias que antecedem a ressurreição às horas mais convenientes para a missa ser ao raiar da aurora, isto é: às 6 h. 6,30h. ou 7 horas, mais ou menos.

E por hoje é tudo.

Dispõe do amigo: J. Moreira.

## A Ponte sobre o Tejo

Continuação da 1.ª página

te do Municipio de Faro acentuado:

«A chamada que tem renovado e reabilitado Portugal manter-se-á e prosseguirá, quaisquer que sejam as calúnias, ataques ou campanhas.»

## O BEM-TE-VI!..

Há no Brasil um passarinho belo,  
Rei da Canção na terra em que eu nasci,  
— Na cor — domina a tinta do amarelo,  
— Na voz — o seu baptismo: — «BEM-TE-VI!...»

— Como é divino o doce ritorné!...  
Tanto amor, tanta alma, eu nunca ouvi!...  
Parece o Céu à terra, em casto anélo,  
Unir, dizendo: — «O Céu se encontra aqui!...»

Perguntei-lhe o porquê de voz tão pura,  
E a voz me respondeu, brando, bem brando:  
— «É a Saudade feliz que me tortura!...»

No Céu, um dia, a Mãe de Deus eu vi!...  
— E era tão bela... que eu jurei, voltando,  
Cantar eternamente: — «BEM-TE-VI!...»

## Por Vós, Minha Mãe!..

Nossa Senhora das imensas dores,  
Nossa Senhora dos amargos prantos,  
Dentre o maior dos grandes pecadores  
Vinde fazer-me o mínimo dos Santos!...

Ensinai-me a esconder meus dissabores  
De minh'alma nos íntimos recantos,  
E que eu sofra a perfídia dos traidores  
Como o violino: — soluçando cantos!...

Que por amor de Vós, Nossa Senhora,  
A minha alma se alegre quando sofre,  
A minha alma sorria quando choral!...

E que, redendo juras, Mãe querida,  
Em vosso coração eu guarde em cofre  
Quantos martírios eu sofrer na vida!...

## O INCONTENTADO

(Fabula de Trilussa)

Deus, de um pouco de lama, como artista  
E bello artista que é, fazendo o mundo,  
Fez, após, um boneco, e, grande cabalista,  
Então,  
Deu-lhe um sopro profundo.  
Foi quando sobre a Terra alviçareira,  
Deslizou a primeira  
Fôrma humana. Era Adão.  
— Dou-te o que teu ohar em volta alcança,  
Disse-lhe Deus.  
A planície, a montanha, o lago, o rio, o mar,  
São teus.  
Ao te fazer á minha semelhança,  
Dei-te um mundo que encerra  
Tudo o que um dia possas desejar.  
Olha em redor.  
É tua, a Terra.  
A flôr dos meus thesouros, a melhor  
Das creações que fiz e hei de fazer!  
De pé,  
O homem, ouvindo-o, tremulo, apalpou-se,  
E, o mundo olhando, em torno, deslumbrou-se.  
Disse-lhe Jehovah: — Tudo que vês  
É teu, portanto. Tudo, isto é,  
Menos o céu,  
Que é meu.  
Talvez  
Menos bello que a terra que te dou.  
Que egoista não sou.  
— O Céu? torna-lhe Adão, aquillo, além?  
Aquella coisa pallida e infinita?  
Que coisa tão bonita!  
Por que razão não m'a darás também?

(Trad. de LUIZ EDMUNDO)

## Visado pela C. de Censura



CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 22526 Braga



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE  
SEGUROS 'DOURO',  
SEGUROS EM  
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## Antigo Padroado de Rendufe

Braga, a folhas duzentas e noventa e sete, em os vinte dous de Julho de mil setecentos setenta e quatro, por José Damasco das Neves, e que esta era o título por que se achava apresentado, e que não só por elle, mas que por muitos outros vigários que elle conheço, apresentados sempre pelo dito Reverendo Dom Abade do dito Mosteiro, a que estava unida *in perpetuum* a sobredita igreja, nem nunca haver fama, ou rumor em contrario, reconhecia ser, com todos os seus dizimos, primícias e São Joaneiras, e mais usos e costumes, da apresentação do Reverendo Dom Abade de Santo André de Rendufe, e seu Mosteiro... e que por essa razão não tinha dúvida em que assim se declarasse, e lançasse em Tombo, como também as casas da residência e passal da mesma igreja, e que para isso se medissem, e demarcassem, e que para isso sendo necessario pella sua parte se louvava em Bento Rodrigues do lugar de Villar desta freguesia, a quem elle Doutor Juiz mandou vir a sua presença, e lhe deferio o juramento dos Santos Evangelhos, que elle recebeu em um livro delles, prometendo fazer a dita medição e demarcação com verdade, e outro sim pelo Reverendo reconhecente foi dito que debaixo do juramento, que elle Doutor Juiz do Tombo lhe deferio, não tinha mais que declarar a respeito dos usos e costumes sobreditos, mais que o que atrás na descrição dos bens da igreja retro declarado tinha, e que quanto aos outros usos respeitantes aos fregueses, constava do Livro delles feitos pelo Reverendo vigário, que foi desta freguesia Manoel Rodrigues, e assignados pella maior parte dos moradores della, em os vinte dous, e vinte quatro do mez de Junho de mil setecentos sessenta e hum, em que pello mesmo vigário forão lidos, e publicados na mesma Igreja, como se via do mesmo Livro, que tornou a receber o Reverendo vigário; e pelo Revendo Procurador foi dito que em nome do seo Mosteiro aceitava o reconhecimento, e protestava de em nada lhe ser prejudicial, implorando todo o beneficio da restituição e mais privilégios e regalias, que competião por direito ao dito seo Mosteiro, e que se procedesse na medição, demarcação, e atombação do passal da dita igreja, e casa da sua residência, o que feito se lançasse em Tombo; o que visto por elle Doutor Juiz, assim o mandou e de tudo fazer este auto, que assignou com... **Medição, apegação, demarcação confrontação e atombação do passal desta Igreja e sua casa de residência** — Item primeiramente mediram elles louvados por vara de cinco palmos craveiros o circuito em que se acha a residencia em que vivem os Vigários e Parochos, o qual correm corre do Nascente ao Poente, e medido pela face do Norte, principiando a medição na boca da estrada, que vem do lugar da Villa, tem sessenta e hum varas e meia por donde parte com a dita estrada, cruzeiro da igreja em meio com o monte do Cotto da igreja e dahi correndo a medição para o sul pela costa do Poente por detrás da casa da residencia athe onde principia a fazer chave sobre hum vallado alto de pedra, tem vinte e tres varas e meia, parte por parede em meio com terra foreira a este Mosteiro, que possuem Bento Rodrigues e sua mulher Maria Rosa do lugar de Vilar desta freguesia, e dahi continuando a medição de Nascente a Ponte pela face do Norte tem treze varas e hum palmo por onde parte pelo dito valado com o sobredito Bento Rodrigues e mulher, e dahi medido de Norte a Sul pela face do Poente, atravessando uma ribadinha de parede que fica por baixo das casas da residencia, tem vinte varas, por onde parte por vale e silvas com terra desta residência. Logo abaixo medida e continuando a medição pela parte do Sul, de Poente a Nascente athe chegar à estrada, e rego do poço da estrada, tem de comprimento sessenta e sete varas por onde parte por vallo alto, com terra que possui o sobredito Bento Rodrigues e mulher, chamado o Campo da Costinha, que em outro tempo o foi também passal da sobredita residência, e hoje se acha emprazado ao dito Bento Rodrigues por prazo que lhe fez o Mosteiro Padroeiro de que se trata, e continuando a medição pela arte do Nascente, pela estrada acima athe onde principiou esta medição, tem de largo quarenta e duas varas, por onde parte por vallo alto com a sobredita estrada que vem do lugar da Villa para a igreja e outras partes; dentro deste circuito fica a igreja na forma que se acha descripta, mais para a parte do Nascente delia, e a casa da residência dos vigários, com seu portal para a estrada, e serventia por dentro para o adro por uma portinha, as quaes casas correm de Norte a Sul, tem sua entrada para o Nascente para onde tem duas portas, e no meio delas uma janela, uma das quaes dá serventia para a sala e outra para a cozinha; e uma janela para a Sul; e tem proximo da porta da cozinha uma cortelha velha, e por detrás das mesmas casas, que he para a parte do Poente, e por onde foi a medição,

\* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

## Breves considerações sobre a vida e a Obra de «Guerra Junqueiro»

### Conferência pelo Dr. RAUL DE FARIA

(Continuação da 1.ª página)

lha neguei e espero que, até morrer, nunca lha negarei. A segunda, é que me é dada a grata missão dentro do formalismo convencional destas cerimónias, de apresentar o meu muito illustre colega da capital, o Snr. Dr. Raúl Faria, que, embora enredado na abservente azáfama dos seus afazeres profissionais, ainda encontra tempo, disposição e inspiração, para escrever proveitosas e belas páginas, quer de ordem científica, quer de ordem literária. Finalmente, a terceira razão de ter acedido gostosamente ao convite para presidir a esta conferência, filia-se na circunstância do tema trazido até nós pelo nosso illustre conferente desta noite se relacionar com uma modalidade cultural que delicia o meu espirito e alvoroça a minha sensibilidade: a poesia. Amo, na verdade, enternecidamente, a poesia, a despeito do mundo iconoclasta em que vivemos. E talvez por isso mesmo, porque vivemos num mundo iconoclasta, é que eu amo enternecidamente a poesia, essa poesia cujo verde jardim que, no dizer de Augusto de Castro, «abre na claridade nocturna áleas fantásticas, as suas fontes cristalinas, os seus canteiros de jasmim, e abre, sobretudo, essas alegorias imaginárias, gigantescas, da fuga humana para o infinito e para a ilusão». Amo enternecidamente essa poesia que, além de ser um instrumento estético, pode também ser, — e deve ser — um valioso instrumento de aproximação, de fraternidade e de comunhão humanas e até mesmo (porque não?) um instrumento de reconstrução humana. E quando, como no caso presente, se nos oferece a deliciosa e magnífica oportunidade de ouvirmos falar sobre essa genial e altíssima figura do poeta que foi Guerra Junqueiro, a antevisão do nosso encantamento espiritual acompanha-se, logicamente, dum sentimento de natural curiosidade.

E digo sentimento de natural curiosidade porque, se há figura literária que seja mais discutida, mais revolta nesta vida, é, seguramente, a figura de Guerra Junqueiro; não no que se refere ao seu génio poético, porque esse ninguém, de boa verdade, lho refuta, chegando memo o famoso tribuno Alexandre Braga a considerá-lo como o maior poeta da Humanidade de todos os tempos, mas em relação à indole de algumas das suas obras e em relação a alguns aspectos

da sua própria vida. Aos variados autores que do assunto se tem ocupado, junta-se hoje o Ex.º Sr. Dr. Raúl de Faria, médico illustre, que iremos ter o prazer de ouvir.

Ao iniciar a sua palestra, referiu-se o Snr. Dr. Raúl de Faria à obra cultural perseverantemente seguida pelo Lga Português de Orléans, social, e instituição a que rendeu o preito das suas homenagens.

Seguidamente, e entrando propriamente no desenvolvimento do tema escolhido para a sua conferência, começou por fazer um bosquejo biográfico de Guerra Junqueiro, dando especial relevo àqueles factores que mais deveriam influir na obra literária do poeta. Bem cedo começou Junqueiro — disse — as suas actividades literárias, legando-nos uma obra tão vasta quanto discutida, em que a alma do poeta se afirma e se revela em cambiantes multiformes, ora exacerbada e combativa, ora simples, mística, docemente lírica.

Detem-se o conferente na análise crítica da «Pátria» e da «Velhice do Pradre Eterno», obras cuja índola anti-clerical motivou um desencadear de discussões apaixonadas.

O Dr. Raúl de Faria fala ainda da verve poética, do satirismo, da mordacidade e das belas imagens criadas por Junqueiro. Mais afirma que foi notório o alarido que surgiu após a morte do poeta pelo facto de este, no declinar da sua vida, haver professado o catolicismo. Mas Junqueiro não se converteu, pelo simples facto de não se converter quem toda a vida foi um bom cristão. Junqueiro apenas se mostrou arrependido da maneira como escreveu a «Velhice» e a «Pátria», ao declarar que essas obras «foi uma explosão de cristianismo exacerbado ou exasperado, um livro da moci-

dade». É já quase no fim da sua vida, éle mais uma vez mostra o seu arrependimento, ao afirmar que «se as ascrevesse agora o faria doutra maneira». Junqueiro fez uma obra preñhe de talento e de beleza rítmica, com o senão de ser em parte derrotista quando dos seus dotes e de uma inteligência invulgarmente fecunda poética ter surgido uma obra construtiva.

Depois de formular várias considerações sobre o infinito ligado à ideia de Deus, o conferente refere-se aos vários estádios sentimentais e intelectuais por que passa a humanidade, predominando os sentimentos afectivos durante a infância, o maior desenvolvimento intelectual na pujança da vida, e a ponderação na decrepitude.

Refere-se ainda o Dr. Raúl de Faria ao «Entendimento», qualidade que confere ao homem uma boa conduta moral e cívica.

Ao terminar, o Dr. Raúl de Faria afirma que o nosso querido poeta Guerra Junqueiro viveu e morreu cristão e crente, tal qualmente havia sido a sua meninice e criação. A sua poesia «A caminho do céu», pode considerar-se o seu acto de contrição.

Encerrou a sessão o Snr. Dr. Acácio Tavares, que elogiosamente se referiu ao trabalho apresentado pelo Snr. Dr. Raúl de Faria, o qual constituiu uma autópsia, no sentido elevado do termo, da imortal figura de Guerra Junqueiro. Mais disse o Snr. Dr. Acácio Tavares que a conferência acabada de ouvir constituia um depoimento valioso e uma achega deveras notável para o estudo da complexa figura de Guerra Junqueiro que é, como alguém o classificou, o primeiro poeta da raça latina depois de Victor Hugo.

## FOTO MODELAR

reportagens de casamento  
Baptisado e Banquetes

Fotografias tipo passe e ampliações

Telefone 62113

AMARES

# TRIBUNA DESPORTIVA

## Campeonato Regional da 2.ª Divisão de Braga

F. C. Amares — G. D. de Prado 5-1

Através deste semanário, já não se publicam os relatos há alguns jogos e referentes ao presente campeonato, somente devido à falta de tempo, dos que habitualmente se encarregam deles.

Nos outros jogos realizados e dos quais os nossos leitores não viram os resultados neste jornal, informamos que foram os seguintes: vencemos o Vizela por 1-0 e o Campelos por 3-2; empatamos com o Taipas por 3-3 e perdemos em Fão por 0-1 e na Póvoa de Lanhoso por 1-4.

Como se pode verificar, o clube caminha numa marcha bastante certa, tendo unicamente desperdiçado dois pontos em casa divididos pelos Leões e Taipas.

Em compensação, já ganhou um em Prado, o que coloca a actuação do representante do concelho de Amares como muito satisfatória.

\* \* \*

O aguerrido grupo de Prado mais uma vez visitou o Campo de jogos Calheiros de Abreu, que teve afluência regular de assistentes.

O F. C. Amares actuou com: Carriço (aos 75 minutos Tomé), Almeida, Elói e Zé Manel; Armindo e Russo; Barrosa, António, Dias, Araújo e Chico.

O grupo apresentou-se com as suas melhores pedras, tendo-se verificado a ausência do habitual médio-centro João, que se viu afastado por uma leve lesão.

O encontro começou com muito ânimo e a poucos minutos do início, o Prado obteve o primeiro golo e que viria a ser o seu único. por intermédio de Ramalho a aproveitar um deslize da defesa local.

Não serviu este golo para arrefecer o ânimo dos rapazes do Amares, que se lançaram sempre deliberadamente ao ataque com excelente colaboração da linha média e acerto da defesa.

O Prado por vezes criava perigo, mas que era resultante somente de contra ataques que a defesa calmamente desfazia, e com relativa facilidade. Ainda no primeiro tempo, o Amares marcou três golos, todos de grande efeito e apontados por Russo, Dias e Barrosa.

Até aí, já as balizas do Prado tinham um tal assédio por parte dos atacantes locais que viram esbarrar algumas bolas na barra, no poste e na muralha de pernas que se formava frente à sua baliza, rematadas por Chico, Dias e Barrosa.

Na segunda parte, o jogo manteve a mesma velocidade até meio tempo e neste período o Amares aumentou o seu «score» com mais dois belos golos apontados por Barrosa.

O jogo tomou depois um ritmo mais vagaroso, vendo-se os rapazes de Prado a tentar modificar a diferença que o marcador acusava, mas, a defesa local muito atenta neutralizava todos as investidas.

Perto do fim o guarda redes

do Prado fez uma grande defesa, idêntica a uma do jogo de primeira volta e que serviu para confirmar a sua boa classe.

O Prado que actuou com muita boa vontade, teve como melhores elementos, o guarda redes, o defesa Chapel e os avançados Gerónimo e Ramalho. Não descortinamos a razão da substituição que fizeram do avançado-centro Mau, pois vinha sendo o avançado mais regular.

No Amares, os guardas redes Carriço e Tomé cumpriram bem durante os seus períodos; a defesa actuou em bom plano com Almeida muito certo, Elói mesmo em lugar que não lhe é habitual e Zé Manel com muita antecipação; os médios Armindo e Russo foram bons elos de ligação para o ataque que esteve muito animado no conjunto, podendo-se salientar a rapidez de Barrosa e Chico, o bom domínio de Araújo e António e o remate muito potente de Dias que obteve o segundo golo a uma grande distância.

A arbitragem esteve certa. Bem auxiliado pelos fiscais de linha, o juiz do encontro mostrou pouca rapidez em campo e em algumas decisões, não chegando isto, no entanto, para afectar a regularidade da sua atenção.

Os outros resultados desta ronda, foram os seguintes: Campelos 2 — Fão 3; Maria da Fonte 1 — Leões 1 e Vizela 2 — Taipas 5.

Após esta jornada, a classificação ficou assim:

Taipas . . . . . 26 pontos

### Subsídios

Pelo Snr. Ministro do Interior, foram concedidos ao Hospital da Misericórdia desta Vila e Comissão Municipal de Assistência, através da Direcção Geral da Assistência e Fundo do Socorro Social, os subsídios de 71.000\$00, e 9.000\$00 respectivamente.

### Estrada da Lage

Agora que o tempo o permite, prosseguem em bom ritmo os trabalhos de reparação da estrada Lage-Prado

(S.ta Maria), onde o Município local vai dispendir umas dezenas de contos.

### Regedor da freguesia de Moure

Com a idade de 87 anos, faleceu há dias na sua residência o Snr. João Maria da Silva, que durante 42 anos exerceu as funções de Regedor naquela freguesia.

C.

### Visado pela Censura

### Casa de Pasto (Antiga Petisqueira)

DE

### ALBANO DE ARAÚJO

Com a gerência de JOÃO XXIII

OS MELHORES VINHOS DA REGIÃO

Fornecedor dos vinhos espumantes Pum Pum e Altaneiro

Sumol, Cervejas, Laranjadas, Garvalhos, Aguas de Castelo

ALMOÇOS E JANTARES

CAFÉ PERMANENTE

Largo Dr. Oliveira Salazar

AMARES

Campelos . . . . .	25 pontos
Leões . . . . .	24 »
Amares . . . . .	22 «
Maria da Fonte . . . . .	21 «
Fão . . . . .	21 «
Prado . . . . .	17 «
Vizela . . . . .	16 «

Amanhã o F. C. Amares desloca-se ao velho campo da Ponte, anexo ao Estado 28 de Maio, onde defronta o grupo dos Leões.

Poderá neste campo o F. C. Amares pela primeira vez na

sua história?—Não o cremos. O grupo está moralizado e a contar com um triunfo, o Amares teria para já um honroso 3.º lugar e ainda o que adiante se verá.

Esperamos que os rapazes recebam os incitamentos daqueles que adoram o Desporto-Rei, e que representam o concelho com ardor e amor na luta, envergando as camisolas do Futebol Clube de Amares.

Abel Antunes

## PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

### Memorial de Montebelo

Manuel de Abreu Lima, ajudante da sala do General da Província de Entre-Douro e Minho, cavaleiro da Ordem de Cristo, 1.º neto de Lopo Vaz da Costa, sem que se pudessem alcançar. Tratava-se de umas tapeçarias que tinha na cidade de Coimbra e mandava dispor deles em seus legados; e sendo o arcebispo eleito de Braga uma das pessoas a quem encarregou da satisfação de sua alma (de D. Sancho I) dava claras mostras, como adiante se referirá, da viva tradição que havia naquela casa de terem sido dados por herança e satisfação a Martim Martins Machado pelo arcebispo de Braga.

Acomoda-se nesta copla a fábula da formiga e da cigarra ao verão dos cantares daquele tempo, que esquecidos no inverno das suas decadências e da esterilidade das suas privanças, e com a demasia do calor do sol, representado pelo Príncipe, às vezes costuma secar a árvore de verdes esperanças; então levantavam-se vozes descompostas, podendo em termos moderados fazer maior tesouro, solicitando o ânimo da república, que as formigas representam.

Aconselha na 8.ª que, ainda que seja valor, não deixa de ser grande erro querer mostrar quem é que está desvalido por ter de seus rivais ocupados os lugares superiores; que a mentira nestes e a verdade naqueles correm duvidosas parelhas. Mostra como do solares do Marquês (Vasconcelos) descendem reis, e por descendentes de reis foram fabricados.

Que se via claramente na 9.ª copla a mudança que houve nas armas dos Machados.

Conclua-se da 10.ª que o arcebispo, que então era de Braga, devia dar alguma informação aos genealogistas e aos que reformaram as armas naquele tempo; suspeitando-se que alteraram muito o Nobiliário do Conde D. Pedro. Que do último verso da mesma copla se

colige com muita clareza que el-rei D. Sancho deixou ocultamente declarado em confissão ao arcebispo eleito de Braga, para não o pôr em seu testamento, que D. Maria Monis, tia de D. Maria Pais da Ribeira, havia a Martim Martins por seu filho.

Compara, na última, os que escrevem com muita malícia e pouca certeza aos jogadores de bolas, que por mais que torçam uns as razões e outros o corpo, faz a verdade seu caminho, como a bola no que a joga, por mais que se torça depois de havê-la lançado mal».

Insiste mais uma vez em que os Machados procedem de D. Sancho I e de D. Maria Monis, justificando que, se então tivesse à mão as escrituras e papeis antigos de que D. Mécia de Melo, 2.ª mulher de Francisco Machado, entregou a maior parte a Manuel de Lima, abade de Roças, poderia com mais clareza trazer em abono do referido todas as notícias antigas que naquela casa havia, de ser essa a sua verdadeira baronia.

Estas convicções do marquês, porém, têm sido postas em muita dúvida por críticos mais exigentes.

\* \* \*

É a altura de trazer ao público o dito poema inédito de 72 oitavos citado entre os trabalhos literários do marquês.

Celebra os amores de Almeno e Arminda, ou sejam Sancho I e D. Maria Monis.

As montanhas e os penhascos de Entre-Homem e Cávado, com os seus rios e fontes, constituem o cenário; e as suas deusas e ninfas ao que se vê, vem de longe a ser invocadas.

A vida da Cavalaria, nos primeiros tempos da nacionalidade, ocupa o plano de fundo do entreccho poético.

Vai no castelhano original, por não convir de forma alguma traduzir-se; nem ser difícil a sua interpretação.

(CONTINUA)